

UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS ANINGAIS NA COMUNIDADE DE SÃO MIGUEL DO FLEXAL, PRACUÚBA, AMAPÁ: SABERES E NARRATIVAS DOS MORADORES LOCAIS

Márcio Moreira Monteiro¹

Germano Guarim Neto²

RESUMO – (Um estudo sobre a importância dos aningais na comunidade de São Miguel do Flexal, Pracuúba, Amapá: saberes e narrativas dos moradores locais). A pesquisa tem como propósito refletir sobre os saberes apresentados pelos comunitários acerca dos aningais e sua relação com a conservação de espécies presentes no ambiente local, assim como, oferecer subsídios teóricos que ajudem a compreender as práticas e experiências ambientais vivenciadas pelos informantes nessa parte da Amazônia amapaense. Para tanto, utiliza-se a Pesquisa Narrativa como opção metodológica, já que esta possibilita a interpretação de dados construídos por imagens, falas e observações experimentadas no próprio contexto investigado.

Palavras-chave: Ambiente local. Experiências Ambientais. Aningais.

ABSTRACT - (A study on the importance of aningals in the community of the São Miguel do Flexal, Pracuúba, Amapá: knowledge and narratives of local residents). The research aims to reflect on the knowledge presented by the community about the aningals and its relation with the conservation of species present in the local environment, as well as offer theoretical subsidies that help to understand the practices and environmental experiences experienced by the informants in this part of the Amazon Amapaense For this purpose, Narrative Research is used as a methodological option, since it allows the interpretation of data constructed by images, speeches and observations experienced in the context investigated.

Key Words: Local environment. Environmental Experiences. Aningals

¹ Professor da Universidade do Estado do Amapá – UEAP. 68900070 – Macapá – AP. Doutorando em Educação em Ciências e Matemática – REAMEC/UFMT. Grupo de Integração Socioambiental e Educacional – GISAE – UEAP. Complexidade, Estudos em Linguística Aplicada e Linguagem – CEEL – UEAP. Meio Ambiente e Educação – MAMBE – UFMT. monteiomm3@gmail.com

²Departamento de Botânica e Ecologia. Instituto de Biociências. Universidade Federal de Mato Grosso, 78060-900 – Cuiabá – MT. Grupo de Pesquisas da Flora Vegetação e Etnobotânica – FLOVET. guarim@ufmt.br

INTRODUÇÃO

Do ponto onde estamos, casa de um morador da comunidade, é possível observar no amanhecer, imagens que simbolizam um pouco do estilo de vida que se experimenta na comunidade, são moradores partindo para o trabalho em suas embarcações, crianças rumo a escola, gado pastando nas partes altas, já que boa parte do campo está inundado pelas “águas grandes” que caracterizam este período. Há muito a ser observado, porém a atenção se volta ao que podemos chamar de ilha de Aninga encrustada no meio do lago, imponente, fechada, parecendo mesmo impenetrável pelo homem e por suas práticas nem sempre amistosas, pelo menos não do ponto de vista de quem depende do ambiente para viver.

Peixes, capivaras, jacarés e tracajás dentre outras não menos importantes para a constituição do cenário e do ambiente de São Miguel, são exemplos de espécies que representam o equilíbrio entre a fauna e a flora local, e neste contexto, os Aningais merecem destaque especial, visto formarem um ecossistema diferenciado, com potencial para abrigar e fornecer condições propícias à reprodução de plantas e animais pertencentes ao cotidiano da vida em comunidade.

Segundo Amarante et al. (2009, p. 2) “*A aninga (Montrichardia linifera (Arruda) Schott) é uma macrófita aquática vastamente distribuída nas várzeas amazônicas e igualmente encontrada em diversos ecossistemas inundáveis como os igapós, margens de rios, furos e igarapés, ocorrendo também nos Estados do Piauí, Rio de Janeiro, sul do Brasil e Suriname*”, tendo propriedades medicinais importantes para os ribeirinhos amazônicos, como por exemplo, potente cicatrizante de cortes e feridas.

Apoiados em Medina et al. (1959), Vasconcelos et al. (2009, p. 1) ensinam que:

Os aspectos morfológicos de *M. linifera* a caracterizam como uma espécie herbácea com 4-6 metros de altura, folhas com cercas de 45-66 cm de comprimento e 35-63 cm de largura. Sua flor é uma espádice simples de coloração branca e seus frutos fazem parte da dieta dos grandes herbívoros, como o peixe-boi, as capivaras e as tartarugas.

Considerando que os aningais também exercem importante papel na alimentação de vários animais, inclusive bovinos e bubalinos, os quais, além do pescado, possuem valor de mercado na economia local, torna-se importante apresentar a conclusão de Amarante et al. (2010) a cerca do valor nutricional da aninga “ [...]em cinco pontos equidistantes ao longo da extensão da orla do

Campus da Universidade Federal do Pará (UFPA), margem direita do Rio Guamá (01°28'41,3" S; 48°27'29,0" W), em Belém, no estado do Pará (2010, p.730). Afirmar a autora que “[...]a utilização das folhas e frutos da aninga (Montrichardia linifera, Araceae) na alimentação de quelônios, bovinos e bubalinos é imprópria para a criação destes animais por apresentarem, em sua composição química, teores tóxicos de magnésio e manganês além de um baixo valor proteico”.(2010, p. 734)

Apesar da conclusão da autora sobre o valor nutricional dessa espécie da flora amazônica, observa-se, com base nas vozes dos comunitários, que os aningais e os barrancos por eles formados, fornecem condições de possibilidade para continuidade de espécies, inclusive o homem local, o qual necessita da natureza como fonte de sobrevivência, considerando que depende fundamentalmente da caça e do pescado utilizado para consumo da família e também para pequenas vendas na sede do município, levando a uma forte dependência daquilo que é retirado do ambiente. Mas como disse um comunitário “de onde se tira e não se põe, acaba, e aí como vamos sobreviver?”.

O trecho do depoimento acima demonstra consciência da importância do ambiente e da conservação das espécies da fauna e da flora, mas neste cenário, cabe indagar: em que medida os aningais se constituem como pressuposto de preservação de espécies na comunidade? Que percepções os moradores locais têm sobre o assunto? Que efeitos a destruição dos aningais está tendo no ambiente local?

Dialogando com as ideias de Ceconi (2010), Teixeira et al. (2014, p.7) lembram que

esta vegetação presente ao longo dos corpos hídricos traz ao ecossistema a função protetora sobre os recursos naturais bióticos e abióticos, sendo importante na regularização e manutenção da vazão dos cursos hídricos e aporte de sedimentos, diminuindo as perdas por erosão para o ecossistema aquático e ainda preserva a fauna e a flora.

As narrativas produzidas a partir das vozes dos sujeitos ensinam um pouco sobre os saberes e perspectivas ambientais presentes no cotidiano da comunidade, além de fornecerem subsídios para uma densa análise das relações dos moradores com a fauna e a flora de São Miguel, afinal,

o complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearão a sua organização social em um sistema de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais extraídos da floresta, rios, lagos, várzeas e terras firmes, responsáveis pelas formas de economia de subsistência e de mercado. Dentro desse contexto desenvolveram-se o homem e a sociedade amazônica, ao longo de um secular processo histórico e institucional. (MENDONÇA et al., 2007, p. 94)

Refletindo sobre o assunto, torna-se evidente, o fato de que uma relação harmônica entre seres humanos e o meio em que vivem, depende inexoravelmente, dos saberes locais, dos aspectos

culturais, sociais e políticos imbricados no contexto onde a vida acontece, pois, antes de qualquer outra coisa, o homem é um ser social, cultural e político, dotado de funções cognitivas complexas que o fazem pensar e agir dentro de uma determinada lógica. Daí porque, se diz que “[...] *todas as atividades produtivas contêm e combinam formas materiais e simbólicas com as quais os grupos humanos agem sobre o território*” (CASTRO, 2000, p. 167).

No entendimento de Pereira (2007, p. 158), fundamentado em análise de atividades de caça de populações ribeirinhas,

os conhecimentos que norteiam as atividades dos ribeirinhos não são respostas mecânicas ao estômago, nem constituem um produto gerado abstratamente pelo pensamento humano. É um modelo sistematizado de informações que *definem e legitimam* o acesso concreto dos indivíduos e dos grupos aos recursos materiais e às realidades sobrenaturais que compunham seu território [...]

Na mesma linha de raciocínio, e buscando caracterizar o conhecimento local em uma perspectiva cultural e subjetiva, Silva et al. (2007, p. 113) apontam que este

[...] inclui inventários mentais das plantas medicinais, como ervas, cipós, arbustos e árvores. Inclui informações acerca das plantas que crescem bem juntas, ou que florescem no início ou no final das chuvas. Inclui também práticas e tecnologias, tais como os métodos de tratamento e armazenamento de sementes e materiais usados para o plantio e a colheitas das plantas medicinais.

Geertz (1997) argumentando sobre a necessidade de se colocar o saber em estruturas locais, a partir das vivências, experiências próximas, por meio de um sistema cultural, chama atenção para o fato de que *“aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto, e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo”* (1997, p.11).

Nesse sentido, entende-se que o estudo proposto possui relevância multidimensional, já que, além de evidenciar a importância da fauna e da flora, em especial os aningais, na conservação de espécies diversas no habitat investigado, propõe ainda dialogar sobre os saberes e percepções ambientais produzidos em nível local.

O objetivo da presente pesquisa é refletir sobre os saberes apresentados pelos comunitários acerca dos aningais e sua relação com a conservação de espécies presentes no ambiente local, assim como, oferecer subsídios que auxiliem a compreender as práticas e experiências ambientais vivenciadas pelos moradores nessa parte da Amazônia amapaense.

MATERIAIS E MÉTODOS

O município de Pracuúba e a Comunidade de São Miguel do Flexal

A comunidade de São Miguel do Flexal está localizada na zona rural do município de Pracuúba, o qual está a aproximadamente 270 Km da capital Macapá. É uma comunidade provida de campos naturais, sujeitos a inundações periódicas, estando à margem direita do rio Flexal. Em uma visão panorâmica se confunde com o lago de pracuúba e com os campos inundáveis no período chuvoso (Figura 2). A localidade faz parte de um conjunto de seis comunidades: Breu, Flexal, Cujubim, Pernabuco e Agrovila, que juntamente com São Miguel constituem o município de Pracuúba.

Figura 2. Aspectos gerais dos períodos chuvosos e início da estiagem. (Comunidade de São Miguel/Pracuúba – AP). Acervo do primeiro autor, 2017.



O local faz parte da região denominada “região dos lagos do Amapá” ou “região dos campos inundáveis”, o que logicamente deve-se ao fato da existência de uma de suas características mais marcantes: períodos de estiagem onde o campo é predominante, ficando propício a criação de gado (bovinos e bubalinos), e períodos de muita chuva, quando o campo se transforma em lago, exigindo dos moradores outras formas deslocamento, em geral, pequenas embarcações, ficando o ambiente ideal para a pesca.

Procedimento metodológico

Tendo como propósito analisar a importância dos aningais no processo de conservação de espécies na comunidade de São Miguel e na própria sobrevivência do ser humano local, buscamos

por meio das narrativas dos moradores a compreensão de como tal fenômeno acontece em seu ambiente cotidiano.

Para tanto, utiliza-se como ponto de apoio a pesquisa narrativa, a qual se configura como uma forma de reconstruir histórias no presente, sob o olhar do pesquisador que por meio de suas bases teóricas e vivências analisa e interpreta dados constituídos em imagens, falas, gestos, símbolos e signos, dando sentido contextual em um mosaico de informações (CLANDININ; CONNELLY, 2011)

Assim, foi feita a opção por diálogos abertos com moradores da comunidade, tornando possível o registro de informações e a própria construção de dados *in situ*, visto a interação facilitada pelo caráter informal que a abordagem alcança. Os dados foram organizados e categorizados por meio da análise textual discursiva, de onde se estabeleceram os eixos norteadores para a produção deste artigo (MORAES, 2003), quais sejam: aningais e seu potencial para conservação de espécies; percepções ambientais dos moradores locais; impactos da destruição dos aningais para o ambiente; uso da aninga na comunidade.

Importante destacar que os eixos foram construídos a partir das vivências experimentadas e das observações realizadas no local da pesquisa, além da análise das vozes dos comunitários, permitindo lançar um olhar denso sobre o objeto de estudo, no intuito de buscar elementos das relações do cotidiano da comunidade.

A intenção é que com base nos dados coletados seja possível construir e (re)construir informações oriundas das vivências experimentadas pelos moradores, suas implicações na conservação ou modificação das formas de habitar este espaço amazônico. Concepções, crenças, elementos culturais fazem parte do conjunto de saberes pertencentes a este povo, que em sua trajetória histórica tem demonstrado respeito ao ambiente.

A identificação da espécie foi feita com auxílio de Coelho et al. (2015) para a Lista de Espécies da Flora do Brasil, cujas imagens também foram consultadas e ainda os dados de Silva et al. (2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os aningais e seu potencial para conservação de espécies.

Para proceder a análise fez-se necessário conhecer o que é um aningal ou mesmo o que é uma aninga, para então continuar o intento de refletir e entender suas relações na conservação ambiental. Com o propósito de alcançar um melhor efeito didático apresentam-se falas e imagens as quais estão entrelaçadas com pressupostos teóricos encontrados na literatura disponível acerca da temática. Descrevendo os aningais, assim se pronunciaram os informantes:

“Elas tão em vários pontos daqui, mas são muito fechada, lá dentro tem tudo que é bicho, capivara, tracajá e muito jacaré que fica escondido nas locas no verão. Ficam escondidos lá até o inverno. Já matei muito jacaré perto dos aningais, hoje não tem muito, o pessoal foi matando e agora tá fazendo falta”

“As ilhas ficam muito bonita, as vezes serve até de cerca pro gado não passar. É muito fechado e atola. Se o gado, ou mesmo a gente entrar lá no verão fica atolado. Mesmo o búfalo fica atolado”

“Como é muito fechado e atola, já perdi, principalmente bezerro que as vezes vai beber água e aí fica atolado, quando a gente dá fé, o bicho já tá morto. As vezes até animal adulto fica press no barranco. No verão passado perdi uma vaca que tava doente, fraca, foi beber água e ficou atolada, ainda tentei tirar, mas não teve jeito”

“As vezes os aningais mudam de lugar, a maré e o vento leva. Tem deles que ficam fixos e outros na área de barranco que se mexem pra outro lugar.

“Teve um morador que mandou enfiar várias estacas, pra ilha não ir embora. Ele fez tipo uma barreira e aí a maré não leva. Outro vizinho tá plantando aninga, ele disse que elas são importantes pra nossa região. Eu concordo com ele, mas ainda não comecei a plantar, pelos menos até agora”

“Acho os aningais bonitos e gosto de pescar bem perto deles, faz sombra e tem muito peixe lá dentro”.

Na visão dos moradores um aningal é caracterizado por um conjunto de ilhas de aninga distribuídos ao longo de toda a comunidade, formando um ambiente propício para reprodução de determinadas espécies da fauna e da flora amazônica. Segundo suas informações os aningais se movimentam dependendo da forma como foi constituído. Em geral estão fixos, porém quando se formam em barrancos se locomovem pela força dos ventos e das marés.

A espécie, conhecida popularmente como aninga, é uma macrófita aquática emergente de hábito herbáceo, pertencente à família Araceae e ocorre em áreas alagáveis especialmente na amazônia. A utilidade farmacológica desta espécie é diversificada tendo sido relatada como cicatrizante, antirreumático, antidiurético e expectorante” (MIRANDA et al. 2015, p.1142). No Pará há relatos do uso desta planta para minimizar as dores causadas pelas ferroadas das arraias e para a cicatrização da ferida resultante.

Esta planta (figura 3) quando densamente associada forma extensas populações aquáticas denominadas regionalmente de aningais, um tipo vegetacional caracteristicamente amazônico (Figura 4).

Figura 3. Aspecto da aninga em frutificação em seu ambiente. (Comunidade de São Miguel/Pracuúba – AP). Acervo do primeiro autor, 2017.



Figura 4. Aspecto geral de um aningal em ambiente natural (Comunidade de São Miguel/Pracuúba - Amapá). Acervo do primeiro autor, 2017.



Segundo os relatos dos moradores, a formação dos aningais permite a conservação de espécies da fauna e da flora local, pois servem de abrigo e ambiente propício para reprodução de plantas e animais. Nesse sentido, são apresentados a seguir trechos dos diálogos mantidos ao longo de nossa permanência na área da comunidade:

"Os aningais estão cheios de ninhos de animais, os tracajás e jacarés ficam escondidos lá, no verão e no inverno"

"Os peixes desovam nos aningais, só tem peixe ainda por causa do que sobrou das aningas, as queimadas estão aumentando e destruindo [...]"

"Na minha época tinha muito aningal, era difícil até a gente passar de embarcação, de varejão então, tinha que fazer muita força, dentro dos aningais era muito fechado com outras plantas [...] mururé, orelha de macaco."

As vozes aqui evidenciadas traduzem ideias de um passado e de um presente em que os moradores se deparam com situações bem diferentes. Em um passado não tão distante os aningais

abundantes forneciam condições necessárias para a conservação e proliferação de espécies e atualmente por conta da agressão a este habitat, observa-se escassez das mais diversas ordens, principalmente do pescado, o que tem levado a um novo paradigma no que concerne a sobrevivência na região: a necessidade de refletir sobre o que tem acontecido com o ambiente, e como as práticas de moradores e visitantes estão influenciando a conservação ou desaparecimento de espécies outrora abundantes.

Percepções ambientais: da destruição dos aningais e seus impactos no ambiente

A ideia de conservação da natureza, em uma perspectiva teórica, parece ser algo novo para os moradores da região estudada, pois percebe-se que praticamente não tiveram tal preocupação em outros momentos de sua história, uma vez que práticas predatórias da natureza eram praticamente inexistentes, considerando que:

"Ninguém pescava mais do que o suficiente para sobreviver, não tinha essa quantidade de geleiros que levam o peixe para vender aí fora"

"Não tinha essa quantidade de queimada em cima dos aningais, a gente só abria caminho pra passar e pra pescar ou caçar, então a gente não precisava acabar com os aningais"

"Os aningais serviam pra proteger tudo que era tipo de animal [...]."

Lembro que a gente fazia até jangada de aninga"

Com o contínuo processo de destruição dos aningais, ocorrido, segundo os relatos, mais intensamente nas duas últimas décadas, por conta das queimadas e da criação de búfalos nos campos inundáveis, muitas espécies foram de maneira acelerada desaparecendo deste ambiente, acarretando sérios prejuízos à comunidade, tanto do ponto de vista ambiental quanto da própria sobrevivência do comunitário, considerando que a predação da aninga e do pescado, além da inclusão de animais considerados exóticos para a região, o búfalo, por exemplo, têm alterado os ciclos naturais, a seca e a cheia das marés, as formas de locomoção na comunidade e conseqüentemente as condições e experiências de vida dos moradores. Guarim (2000) faz considerações interessantes sobre estes aspectos em comunidades ribeirinhas de Mato Grosso.

No entendimento de Cruz et al. (2008, p.2) “devido à ocupação desordenada os aningais foram sendo dizimados, restando poucas populações”. Assim, observa-se um intenso avanço de moradias em direção dos aningais, fato bem comum observado na própria capital amapaense (Macapá), onde casas são construídas em áreas de ressaca, reforçando os problemas ambientais e sociais presentes em todo o Estado do Amapá.

Tratando da ausência de políticas públicas e do empobrecimento das populações locais Anderson; Loris (2001, p.164) alertam para o fato de que *“na medida em que recursos e oportunidades econômicas escasseiam, as populações rurais pobres são compelidas a migrarem para novas zonas de fronteira, onde o ciclo de degradação ambiental recomeça”*. Afirmam ainda que *“na Amazônia, economias extrativistas são notoriamente instáveis e sujeitas a desequilíbrios causados pelo deslocamento competitivo de outros sistemas de produção ou pela degradação da base dos recursos”* (2001, p. 165).

Recentemente um pequeno criador de gado, nascido e criado em São Miguel do Flexal, assim se posicionou sobre os impactos ambientais sofridos nos últimos anos:

“Estou plantando aninga em minha propriedade, tem gente que acha loucura, mas fico pensando se essa planta sumir, onde os peixes vão desovar? E os animais que ficam lá dentro, pra onde vão? Além disso, acho bonito. Na nossa época de moleque era muito farto na região e acho que os aningais tinham um papel importante nisso”.

Percebe-se que a destruição da flora local, de um modo geral, tem levado a uma condição de empobrecimento ambiental e econômico, onde o ser humano pode se tornar agente de destruição e de conservação, afetando e sendo afetado pela implementação de práticas nem sempre pautadas no bom senso e no equilíbrio, muitas vezes movido apenas pela necessidade de sobrevivência.

Os diálogos mantidos com os entrevistados evidenciam a importância dos aningais para o meio ambiente e mesmo na conservação das espécies presentes nessa paisagem, bem como para o fato dos impactos ambientais causados pela destruição dessa vegetação local e suas influências na vida dos comunitários, tendo diminuído consideravelmente ao longo dos anos.

Dessa forma, pode-se perceber que os saberes ambientais relacionados aos aningais emanados dos informantes participantes da pesquisa evidenciam aspectos importantes da relação

entre os moradores locais e o ambiente em que vivem, assim como, do envolvimento destes com a flora e a fauna constituintes deste cenário da Amazônia amapaense.

Isto transparece nos trechos das interlocuções mantidas com os mesmos:

“A fruta dela é comida pra peixes e tracajás’.

“Outro uso dos aningais é o abrigo para desova de peixe, apaiari e traíra”.

“Antes servia para construção de jangada e estiva para os animais passar”

“A gente também usa pra proteger mercadoria, açaí e farinha”

“A aninga cura ferida, ela solta um leite que cura qualquer golpe”

“No momento em que a aninga seca, passa a ser utilizada como facho de fogo”

São vários os relatos sobre a importância da flora presente em São Miguel do Flexal, principalmente no que concerne ao equilíbrio da relação ser humano/natureza e dos saberes daí produzidos, porém, vale destacar ainda os elementos estéticos proporcionados pelos aningais, já que além de contribuir para a conservação das espécies e dos ecossistemas, embelezam a paisagem ribeirinha.

CONCLUSÃO

Entre as considerações finais pode-se constatar que os comunitários possuem a dimensão exata da importância dos aningais, quer para a própria vida da comunidade como para os problemas relacionados às perdas ambientais e econômicas ocasionadas por práticas predatórias, visto a diminuição e mesmo o desaparecimento de espécies antes presentes em grande quantidade nos aningais.

Os depoimentos dos moradores da comunidade de São Miguel reforçam que nem sempre, embora tenham consciência da importância da conservação dos aningais, empregam práticas voltadas ao equilíbrio ser humano/ambiente, fato provavelmente impulsionado pela ausência de políticas públicas no campo social, o que tem levado a ações predatórias da natureza, neste caso, observando-se a diminuição dos aningais e das várias espécies dependentes deste habitat, formado por *Montrichardia linifera* (Arruda) Schott.

Constata-se ainda que a planta aninga e os respectivos aningais possuem, além de propriedades medicinais, cicatrizante de feridas principalmente, funções na reprodução de espécies e na alimentação de animais silvestres e do próprio gado no período em que o pasto está mais escasso (período da cheia das águas).

Outro aspecto que merece destaque é a necessidade de se conhecer de maneira mais densa os saberes produzidos no âmbito da comunidade, as formas de convívio entre os moradores e o meio ambiente, práticas de manejo, o folclore, mitos, religião e as múltiplas dimensões culturais constituintes desse universo local. Há tanto a apreender e compreender, que a sensação de inacabamento é inevitável, e este é o sentido da pesquisa, trazer para o campo da análise elementos que possibilitem a reflexão sobre este aspecto da fauna e flora local e sua importância na própria existência da comunidade de São Miguel do Flexal, Pracuúba, Amapá.

AGRADECIMENTOS

Às Universidades Federais do Amapá e de Mato Grosso que oferecem o Doutorado em Rede – REAMEC, juntamente com outras Instituições.

Aos informantes da pesquisa, moradores que permitiram o envolvimento em campo, possibilitando momentos únicos de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, C. B. do; SILVA, J.C.F. da; SOLANO, F.A.R.; NASCIMENTO, L.D.do; MORAES, L.G.; SILVA, G. F.; UNO, W.S. Estudo espectométrico das folhas da Aninga (*Montrichardia linifera*) coletadas à margem do rio Guamá no campus da UFPA, Belém-PA. uma contribuição ao estudo químico da família araceae. *Revista Científica da UFPA*. V.7, Nº 1, 2009. Disponível em: http://www.ufpa.br/rcientifica/artigos_cientificos/ed_09/pdf/rev_cie_ufpa_vol7_num1_cap6.pdf. Acesso em: 15 mar. 2017

AMARANTE, C. B. do; MÜLLER, R.C. S; DANTAS, K. das G. F.; ALVES, C. N.; MÜLLER, A. H.; PALHETA, D. da C. Composição química e valor nutricional para grandes herbívoros das folhas e frutos de aninga (*Montrichardia linifera* Araceae). Manaus, *Acta Amaz.* v. 40, n. 4, p.729-736, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0044-59672010000400013>. Acesso em: 30 de março de 2017.

ANDERSON, A.B.; LORIS, E. M.. A lógica do extrativismo: manejo de recursos e geração de renda por produtores extrativistas no estuário amazônico. IN: DIEGUES, A.C.; MOREIRA, A. de C. C. (Orgs.). *Espaços e recursos naturais de uso comum*. São Paulo, NUPAUB. p.163 – 180, 2001.

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. IN: DIEGUES, A. C. (Org.). *Etnoconservação: novos rumos para conservação da natureza*. São Paulo: NUPAUB. p. 165-182, 2000.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, E. M. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COELHO, M. A. N.; SOARES, M. L.; CALAZANS, L. S. B.; GONÇALVES, E. G.; ANDRADE, I. M. DE; PONTES, T.A.; SAKURAGUI, C.M.; TEMPONI, L.G.; BUTURI, C.; MAYO, S. 2015. Araceae IN: *Lista de Espécies da Flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB33860>. Acesso em 27 de março de 2017.

CRUZ, M.E.G. da; TEIXEIRA, W. G.; LIMA, H. N.; MACEDO, R. S. Os aningais: um tipo de vegetação “quase extinta nas cidades amazônicas”. IN: Congresso Brasileiro de Arborização Urbana, 12, 2008, Manaus. *Artigo em anais de congresso (CPAA)*. Manaus, 2008. Disponível em: <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/handle/doc/683935>. Acesso em 15 mar. 2017.

GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 3.ed.Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.

GUARIM, V.L.M dos S. *Educação e sustentabilidade ambiental em comunidades ribeirinhas tradicionais*. Cuiabá: Instituto de Educação, 2000. 241f. Tese (Doutorado em Educação e Meio Ambiente) – Programa Integrado de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2000.

MENDONÇA, M.S. de; FRANÇA, J. F.; OLIVEIRA, A.B. de; PRATA, R. R.; SILVA AÑEZ, R. B. da. Etnobotânica e o saber tradicional. IN: FRAXE, T. de J. P.; PEREIRA, H. dos S.; WITKOSKI, A.C. (Orgs.). *Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais*. Manaus: EDUA. p. 91-105, 2007.

MENDONÇA, P. L. de. *Dividir para somar: município de Pracuúba*. Macapá: Valcan, 1998.

MIRANDA, J.A.L; ROCHA, J.A; ARAÚJO, K.M.; QUELEMES, P.V.; MAYO S.J.; ANDRADE I.M. Atividade antibacteriana de extratos de folhas de *Montrichardia linífera* (Arruda) Schott (Araceae). *Rev. Bras. P. I. Med.*, Campinas, v. 17, n. 4, supl. III, p. 1142 – 1149, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v17n4s3/1516-0572-rbpm-17-4-s3-1142.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2017.

MORAES, R. Uma tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência e Educação*. v.9, n.2, p. 191-211, 2003.

PEREIRA, C. F.; SILVA, S.C.P. da; FRAXE, T. de J. P.; WITKOSKI, A. C. Análise da caça nas comunidades da área de atuação do Piatam. IN: FRAXE, T. de J. P.; PEREIRA, H. dos S.; WITKOSKI, A.C. (Orgs.). *Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais*. Manaus: EDUA. p. 157-168, 2007.

SILVA, J.V.S.; ROSÁRIO, D. M.; VEIGA, A.S.S.; VASCONCELOS, F.; PERCÁRIO, S.; DOLABELA, M. F. Uma revisão bibliográfica sobre Araceae com foco nos gêneros *Pistia*, *Philodendron* e *Montrichardia*: botanical, phytochemical and biological activity aspects. *Revista Fitos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p: 73-160, 2013.

SILVA, S.M.G. da; NASCIMENTO, K. G. S.; FRAXE, T.de J. P.; BRAGA, P. I. S. A “saúde” nas comunidades focais do projeto Piatam: o etnoconhecimento e as plantas medicinais. IN: FRAXE, T. de J. P.; PEREIRA, H. dos S.; WITKOSKI, A.C. (Orgs.). *Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais*. Manaus: EDUA. p. 109-138, 2007.

TEIXEIRA, D. F. F.; SIQUEIRA, B. S.; CATTANIO, J. H. Importância da aninga (*Montrichardia linifera*) na retenção de sedimentos na baía do Guajará, PA. *REA – Revista de Estudos Ambientais (online)*, v.16, n.2, p. 6-19, 2014. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/rea/article/viewFile/4357/3006>. Acesso em: 30 de março de 2017.

VASCONCELOS, H.C. G.; CASTRO, K. de C.; OLIVEIRA, J. C. S, de. Ocorrência da espécie *Montrichardia linifera* (Arruda) Schott, no igarapé Pedrinhas, Macapá, AP/Brasil. *Anais do IX Congresso de Ecologia do Brasil*, São Lourenço/MG, 2009. Disponível em: http://www.seb-ecologia.org.br/2009/resumos_ixceb/1511.pdf. Acesso em: 30 de março de 2017.